

# Quem tem medo da diferenSa?

Pablo Severiano<sup>1</sup>

I.

*O fetiche da linguagem.*

Quem tem medo da diferenSa?

São eles. Eles, que temem a linguagem, temem a diferenSa. Eles temem a linguagem porque depositaram, nas dobras da linguagem, as sobras de tudo o que tinham. Eles têm medo que a linguagem de desdobre e, sobre eles, esparrame a podridão alojada dentro dos nomes. É que eles, que se importam tanto com os nomes, vivem de importar nomes. Nomes de fora, que caem de cima, que sobrevém como que lugar nenhum. Afinal, já não se importam mais com a vida. Já romperam com o mundo. Já divorciaram a carne do verbo. Eles ficaram do lado do verbo sem carne... e não demorou para que fizessem, de sua grande inimiga, a carne sem verbo.

Eles portam um estranho fetiche pela palavra que não lava, pela expressão que nada expressa, pelo significante que já não significa. Não há qualquer amor nesse fetiche. Há somente medo. Muito medo. Medo do mundo mudo: a carne sem verbo. O silêncio é o grito insuportável que lateja em suas cabeças. Mas é o medo do silêncio que os faz alucinar uma linguagem onipotente.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Fundamento da Educação – FACED/UFC.  
E-mail: [pabloseverianobenevides@hotmail.com](mailto:pabloseverianobenevides@hotmail.com).

No silêncio, eles escutam todos barulhos que tentaram calar com suas tagarelices e solilóquios. “Temos que mudar o mundo”, dizem eles. E, então, mudam a linguagem. Fazem leis. Fazem decretos. Fazem cartilhas. Fazem, até, manifestos. Afinal, eles acreditam que o mundo há rebentar na quebra da crostra da palavra, da palavra-ovo, da palavra-útero – e, enfim, nascer. Eles querem parir o mundo. Mas não das entranhas que lhes são mais íntimas, e sim das estranhas e exteriores normas que encarnam na palavra. Eles querem que, daí, surja o mundo. Mas eles só querem parir o mundo porque recusam o parto que os pôs no mundo – o fetiche linguístico é uma forma de dizer: “eu nunca nasci”

Sim: quem tem medo do nascimento, tem medo da diferenSa.

Hoje os reconhecemos pelo modo como recusam as coisas que nascem e, também, as coisas que morrem. Pelo modo como expulsam as extremidades da vida. E eles não se cansam de dizer: “é o mesmo, só que diferente”; “é o mesmo, só que com outras palavras”; “é o mesmo, só que em outro tempo”. Essa é a respiração deles: “é o mesmo, é o mesmo”. A diferenSa, nosso oxigênio, é para eles o ar que entra a contragosto numa injeção letal. A diferenSa é o ar clandestino que interrompe a circulação de seus corpos. Ela injeta um vazio que é, para eles, letal. Não, eles não suportam o vazio. Por isso, dizem que o vazio é só uma palavra.

E, assim, ficam túrgidos de vazios.

## II.

### *A ameaça do negativo.*

Eles negam. Sempre. E, quando afirmam, só afirmam porque já negaram. Há um “não” que lateja em tudo o que afirmam, em tudo o que fazem, em tudo o que pensam. Eles dizem o que dizem, fazem o que fazem, pensam o que pensam “porque, se não...”. Sim, eles ameaçam. Mas só ameaçam porque se sentem ameaçados com qualquer coisa. O mundo os ameaça tão somente por existir, por devir, por estar aí – e tudo o que simplesmente existe, devém e está aí os ameaça. Eles amam o negativo. Eles dizem o que dizem só para não dizerem a coisa outra. Se você *disser o outro*, o que eles vão entender é que você *não disse o mesmo*. E, se você *não disse o mesmo* – dirão eles –, é porque você *disse o não-mesmo*. Entre o mesmo e o não-mesmo, para eles, existe nada. E, dizem eles, “nada existe entre o mesmo e o não-mesmo, por que, se não...”

“Ou você está conosco, ou está contra nós” – é isso que eles estão, o tempo todo, dizendo. Mal sabem eles que, às vezes, nós até podemos estar com eles. Mas sempre estaremos contra o “ou” que eles tanto gostam, contra o “ou” que eles jogam no meio da diferenSa, contra o “ou” que eles gritam enquanto deixam os quatro dedinhos da mão retilíneos e firmes, apontados

para nossa face, prestes a parti-la em duas metades.

Afinal, eles têm medo da diferenSa. Seguem a especulativa maioria – seja a maioria na maioria, a maioria na minoria ou a maioria no lugar nenhum. Eles traduzem, codificam, interpretam, interpelam e interferem em tudo aquilo que não entendem no primeiro relance. Ao sentirem que a diferenSa se aproxima, eles preparam os dedinhos e o “ou” treme na ponta da língua. Tentam partir a diferenSa em dois. E continuam nos ameaçando: “cuidado com o que você diz porque isso dá margem para...”. É que eles odeiam a margem. Independente de onde estejam, eles estão sempre no centro; seja no centro do não, seja no centro do sim.

Como disse: eles ameaçam sempre porque sempre se sentem ameaçados. Como estão sempre dizendo “é o mesmo, é o mesmo”, não conseguem mais distinguir onde estão e onde está a ameaça. A ameaça deles é centrípeta. Como um furacão, que faz um centro jogando tudo o que está próximo para o longe. Um a um, todos vão-se embora – definham pelo seu próprio giro e se despedaçam com o giro dos vizinhos. Eles querem vingança e encontram mil nomes para recobrirem suas vinganças. Como já se converteram no monstro que combatem, suas vinganças não passam de uma autofagia suicidária. E nós vemos o martírio deles, como as areias que sobrevoam baixo a beira-mar veem a areia movediça afundando em si mesma. “Quem dentre nós é o traidor?”, “Quem dentre nós está nos usando?”, “Quem, dentre nós, não é um dentre nós?” – interrogam, eles, todos os dias. Por não terem coragem, eles não vão para frente. Por isso, atacam perto demais. Perto, muito perto, tão perto que nós nem poderíamos imaginar que luta é essa. Eles atacam perto demais – como uma garganta que, faminta, engole a própria garganta. Suicídio autofágico que nunca encontra a apoteose de sua realização. São as suas pequenas-automortes-de-todos-os-dias.

Eis o único ponto em comum: nós estamos contra eles e eles estão contra eles.

### III.

*As juntas separadas.*

Certo dia, uma pessoa qualquer sentiu a necessidade de ser alguém. Precedida por uma vertigem, um desmaio ou um delírio, achou que somente salvaria a si mesma se fosse alguém. Então, procurou ao redor do mundo tudo aquilo que espelhava a agonia que sentia em si mesma. Queria uma identidade. Queria traços, formas, contornos, cores, jeitos, gestos, rastros, posturas, bandeiras, linhagens e linguagens – queria algo para dizer: “eu estou aí”. Disso dependia sua própria vida. Mal sabia que marchava de seu despedaçar para o seu desaparecer – onde ela

poderia estar? Juntou os traços, as formas, os contornos, as cores, os jeitos, os gestos, os rastros, as posturas, as bandeiras, as linhagens e as linguagens que refletia sua vontade de “juntar”. Só encontrou, nisso tudo, suas “juntas”. Juntada, ela fez-se inteira sob a forma de um mosaico de agonias.

Passou alguns anos andando e falando e comendo e sentindo e vivendo, o mosaico de agonias.

Falava em nome daquilo que as juntas haviam feito dela. Não tardou para aprender a nomear cada pedaço de si e a acreditar que cada um tinha sua própria voz. Tornou-se, logo, o veículo para a voz das juntas; as juntas, todas separadas; as juntas que iam, aos poucos, anunciando sua morte por esquarteramento. Ela, que em um dado momento da vida orgulhava de ter “uma identidade”, passava a anunciar, no júbilo mais forçoso e esforçado, que tinha “identidades”. Sim, ela tinha identidades. Aos poucos, passou a falar tudo no plural: “vozes”, “corpos”, “sexualidades”, “sensibilidades”, “afetividades” – e, claro, “diferenças”. Ela, que também tinha medo da diferenSa, acreditava não ter problemas com o plural. Desde que o plural fosse a marca do fim, desde que não alterasse a identidade, desde que não fosse necessário nada além de incluir o “S” ao final e preservar a integridade de cada pedaço.

Mas não tardou para que a pluralidade recusasse o lugar de sujeição que lhe foi dado: o final da identidade. Então, o “S” recusou o teatro do apêndice e saltou para dentro da parte, para dentro da junta, para dentro da identidade.

Foi quando ela encontrou, de frente, a diferenSa.

Cheia de juntas separadas, ela não soube o que fazer diante da diferenSa. Levara décadas para aprender de onde falava cada voz e, agora, não sabia mais de onde vinha esta voz que misturava suas separações. Por um momento, ela achou que poderia calar a voz. Depois, que poderia achar o pedaço que falava e integrar às suas juntas. Mais adiante, acreditou que, sacrificando alguns pedaços de si mesma, poderia seguir em frente após o encontro com a diferenSa. Foi necessário muito martírio e, também, muito êxtase para que ela se desse conta de que “ela” não mais existia.

Ela morreu.

E, por isso mesmo, nasceu.

IV.

*Isto não é uma negação.*

Não há identidade. E, quando houver identidade, ainda assim não haverá identidade. Haverá a diferença.

Não há contradição. E, quando houver contradição, ainda assim não haverá contradição. Haverá a afirmação.

Não há transcendência. E, quando houver transcendência, ainda assim não haverá transcendência. Haverá a imanência.

Não há "quando".

Nunca houve.

Nunca haverá.

Não há "nunca".

Isto não é uma negação.

V.

*Opinião, fake news e juízo final*

Hoje eles usam redes sociais. E nós também.

Eles, entretanto, têm uma crença que nós ou já abandonamos ou nunca sequer chegamos a entender do que se trata: eles acreditam que têm opinião, que têm direito a opinião e, o que é pior, que têm direito a manifestar a opinião. Antes de pensarem, a opinião se lança ao céu e realiza o eclipse. E, então, nada mais se passa com eles: só existe a opinião e eles são somente a opinião. E nós... nós nunca poderemos saber o que se passa com eles e o que é mesmo isso que eles chamam de "opinião". Talvez porque nunca tenhamos completado o eclipse e, por isso, resta-nos sempre um resto que sobra, que faz sombra, que faz som – mesmo quando, para eles, tudo é todo, tudo é luz, tudo é uma só voz. Nossa sobra, sombra e som impede que as partes que agem em nosso pensamento deem as mãos, fechem o cerco e tragam o definitivo desenho. Sim, nós duvidamos. Mas não porque estamos à espera da verdade. Nós duvidamos porque não

poderíamos ser de outra forma – em nós, a dúvida não é método, ela é existência.

Presos no todo, na luz e na voz do total eclipse; presos, também, na onipresença da opinião, disso que nós estamos sempre aquém e além; presos na necessidade que eles chamam de direito, eles infestam o novo mundo, o mundo digital, com hastags, com palavras de ordem sem ordem, com gritos de guerra sem guerra, com informações sem formações, com posições que se situam em lugar nenhum e – o que eles mais gostam de dizer – com “fake news”.

Ah... as “fake News”! Como aqueles que falam “fake news” têm medo da diferenSa.

Eles projetam a miragem de uma verdade longínqua: verdade em princípio, transcendente, pressuposto pragmático para o discurso, correspondência entre palavra e coisa, rede incolor que converte o mundo em fotografia, palavra final do inquérito, flagrante de delito retrospectivo. Como eles queriam achar a verdade! Como se pré-sentissem a potência da diferenSa, eles acham que só mesmo o poder da verdade os salvaria do encontro selvagem.

Muitos deles, há bem pouco tempo atrás, já haviam dado adeus à verdade e ao seu exército: aos fatos, à “H”istória, ao progresso, à “C”iência e a todas essas coisas que querem ser muito oficiais, muito consensuais e muito evidentes. “Como pode... em pleno século XXI...”, dizem eles – como se houvesse século XXI, como se acreditassem nos apologetas do século XXI, como se tivessem acompanhado o inquérito milenar da verdade.

Como se desejassem o juízo final.

## VI.

### *De volta a chronos*

A diferenSa voltou a meter medo em muita gente que já estava liberta. Não, não há fingimento e nem mentira. Havia uma liberdade real que foi aniquilada e se enganam aqueles que falam: “mas, no fundo, será que...”. A diferenSa voltou a meter medo e isto é um acontecimento!

O passado. O presente. O futuro. Hoje estão separados, como a plateia e o espetáculo. Hoje estão no mesmo lugar, como a plateia e o espetáculo.

Primeiro, o futuro. O futuro, hoje – dizem aqueles que têm medo da diferenSa –, é exatamente aquilo que sempre foi. *O futuro é o que era*. Como se a teleologia, túrgida, teleguiasse o tempo em que *o futuro já não é mais o que era* para conduzir ao tempo em que o futuro é o que era. É esse o tempo nosso, positivo, desintermediado. Futuro: tempo da promessa, tempo da vingança,

tempo da recuperação, tempo em que o tempo se livrará do mundo. Dizem eles: “a História vai mostrar que...”, “no Futuro, todos vão saber que...”, “o Tempo vai se encarregar de...”. Mas o futuro, que parece inflacionado, inflado e inflamado, está cortado pelo meio, entre o presente e o infinitivo: “vai mostrar”, “vão saber”, “vai se encarregar”. Como se os futuroísta – os que usam o futuro conta a diferenSa – duvidassem, eles mesmos, da forma do futuro: “mostrará”, “saberá”, “encarregará”. O futuro existe sendo exatamente o que era – o futuro: o que nunca foi, não é e não vai ser. O futuro: *o que será*; o que será: o que será: o que nunca vai ser; o que nunca vai ser: *o que não é o que é*. Eis o futuro: o que não é o que é. O futuro é o que era.

Segundo, o presente. Esse sim, como dizia um certo alguém, “não é mais o que era”. É o que eles dizem: “o presente não é mais o que era” – é o que dizem aqueles que têm medo da diferenSa. E, assim, confundem o tempo com o espaço e fundem tempo e espaço. O presente, para eles, é o “aqui”. Como se o presente tivesse território, espaço, inscrição, encarnação, avatar – como se o presente tivesse presença. Eles querem tocar o presente, mas para torturar o presente. Sim, eles se sentem infelizes. Mas “infelizes” não é atributo, apêndice ou aceno do presente. “Infelizes” é a condição sem tempo, sem espaço e sem misericórdia de suas existências. Uns, por medo e ódio do “futuro”, arrastam o presente para o passado – estes dizem: “hoje já não mais...”, “agora já não temos...”, “atualmente já não acontece...”. Outros, por ignorância e nojo do “passado”, arrastam o presente para o futuro – estes dizem: “não é possível que ainda hoje...”, “não podemos aceitar que hoje...”, “como pode ainda hoje...”. Tanto uns como outros, diferentes que são, têm em comum o medo da diferenSa. No espaço em que alucinam, uns fogem à direita e outros à esquerda. Mas, como já fizeram do presente o espaço onipresente, também já acabaram com o tempo. E instituíram o Reino do Mesmo. É este o reino em que se encontram, se digladiam e, para seus constrangimentos, entendem tão bem o que cada um fala. Ao contrário de nós, que penamos em entender. Mas eles, príncipes e plebeus do Reino do Mesmo, se entendem. Afinal, quem tem medo da diferenSa sempre (se) encontra (n)o Mesmo.

Terceiro, o passado. Para quem tem medo da diferenSa, o passado nunca passa. Não passou, não passa, não passará. Passado – o atemporal do medo. O passado está sempre lá; desde que “lá” seja, sempre, “aqui”. O passado é o “lá-aqui” que nunca retorna, nunca revolve e nunca renova porque ainda não saiu de cena. Ele é a cena. O passado vive no intervalo entre a memória e a desmemória, intervalo do ressentimento, hiato e hiância do esquecimento. Quem tem medo da diferenSa não consegue esquecer. É que o medo transforma o tempo em espaço – e, para quem tem medo da diferenSa, o espaço é sempre um lugar. Mas não um lugar localizado, um lugar local, um lugar lócus. Afinal, o medo é justamente o contragolpe do lugar, a revanche do lugar, a vingança do lugar. O passado que não passa é o lugar que desdobra no tempo que era. É o lugar que volta a ser o tempo que era. É o lugar que passa a ser o nada – o nada que era. O passado é a revanche do tempo contra o lugar, contra a condensação, contra a petrificação que o ressentimento fez do tempo. Passado: a vingança do tempo. Mas quem tem medo da

diferença sente a vingança do tempo como a irrupção de um lugar, de um rosto, de uma palavra, ou mesmo de uma sensação. Vingança: a volta do fluxo sob a forma da pedra. A pedra, lisa e monolítica; a pedra, o que nos permite inscrever, juntos no separado, o passado, o presente e o futuro. A vingança e a pedra coroam o retorno de *chronos*.

## VII.

### *O assassinato das aspas.*

Alguém, sempre, fala. De onde fala quem fala? Isso, é certo, é incerto. Toda fala é falada e nenhuma fala é flagrada. Aliás, a fala flagrada é a fala falecida. Morta pelo ouvido de quem a escutou. Existem, entretanto, aqueles quem acham que a fala flagrada é a fala viva. São aqueles que têm os ouvidos mortos – mas, além disso, são aqueles que acham que a fala falada é a fala falando... o gerúndio, neles, lateja. Onipresente.

Aquém da fala falada flagrada e falecida, há a fala flutuante. É nela que imprimimos nossa maldade, nossa prisão temporária, nosso cárcere de cobaia – é na fala flutuante, fala de ninguém e fala de todo mundo, que nós colocamos aspas. Como quem faz aparecer a voz que diz: “escute-se”. Sim, é verdade: nós podemos ser o que eles chamam de “arrogantes”. E fracos o suficiente para por na boca deles as palavras nossas. Pode ser. Mas esse é nosso jogo. Nosso jogo é mostrar que aquilo que eles tomam por “fala viva” é, para nós, fala morta.

As aspas são uma forma particular de matarmos a linguagem deles.

Mortas, elas endurecem, encurtam, recrudescem e ressuscitam na nova vida que nós damos àquilo que, na boca deles, já era morte morrida. É preciso que a palavra morra, “entre aspas”, para que viva fora das aspas. Não há, aí, qualquer nobreza. Há somente guerra.

Mas há, entre nós, uma ética. Devemos ver, na fala flutuante, onde está a fala deles. Tarefa que custa nossa vida e nosso sangue, E, depois disso, nossa forma particular de respirar – porque, se acreditássemos que a fala flutuante deles é o mundo todo, é a falta toda, é o todo do qual não podemos fugir, quem morreria somos nós. As aspas, as “nossas” aspas, matam a morte. E, aspeando, vivemos.

Existem aqueles que dirigem as aspas – nossa máquina de morte – não à fala flutuante, mas à fala efetiva. Seccionam a parte mais pródiga da fala para dizerem: “eu não estou aí, quem está aí é um outro”. Assim nos ensinam nas escolas, nas universidades, nos centros de formação. E, assim, vamos vivendo – ensinam-nos que coisas foram ditas antes de nós, que nós não criamos

nada, que a palavra que treme no texto e pulsa na língua é tão somente a reencarnação decadente do gênio em nós. “Nada se cria, tudo se copia”, dizem eles, criando a cada dia as milhões de cópias e simulacros que devastam o mundo. Mas esses... esses aspeantes... eles têm também muito medo da diferenSa.

Mas existem “aspeantes” e aspeantes.

Nós, aspeantes, sabemos que a guerra se dá fora das aspas e sabemos também que as aspas só existem para os aspeados. Vejam, de perto, as aspas: elas são tão somente uma chacota, um brinquedo, uma trapaça, uma transposição, uma transferência, uma desistência falsa.

Afinal, depois das aspas, há sempre uma fala sem aspas. A maldade se faz – seja por bem, seja por mal. A maldade, sempre. A maldade, depois das aspas.

## VIII.

*Não à diferenSa!*

“DiferenSa”? Pros diabos! Pros infernos! Longe de nós!

Isso é justamente o seu fetiche, que você quer jogar contra o fetiche daquele que ainda nem conhecemos! Essa é a sua linguagem flagrada! É a sua ameaça! É a sua recusa contra o mundo! É o eclipse que escurece você! Afinal, é você quem separa! É você quem corta o tempo! É você quem acha que o mundo é um jogo, uma pirotecnia, uma dança confusa de verbos!

Pois muito bem. Já não sabemos onde estão as aspas – quebrou-se a diferenSa entre os “aspeados” e os aspeados. Já não sabemos onde está o flagra. Já não sabemos onde está o fetiche.

Quem tem medo da diferenSa?

Já não sabemos. Mas quem tem medo da diferenSa sabe que tem medo da diferenSa! E que não tem também sabe! Quebrou-se a reciprocidade, mas também quebrou-se a assimetria! Já não há mais nem comunicação, nem face-a-face e nem a prova-real. Já não há mais “nós” e já não há mais “eles” – e isso não é caridade, súplica, pacto ou desistência. Não há qualquer radar nas entranhas de ninguém: o medo habita a parte, a parte que nunca dividirá e nem abandonará – a parte que (assim o futuro nos prometeu!) não vai partir!

Mas esta é hora, enfim, de dizer: nós temos medo da diferenSa!

É que nós, nós somos, também, vocês.